

COMMERCIO DO MINHO

4.º ANNO 1876

FOLHA COMMERCIAL RELIGIOSA E NOTICIOSA

NUMERO 488

Assigna-se e vende-se no escriptorio do EDITOR E PROPRIETARIO José Maria Dias da Costa, rua Nova n.º 3E, para onde deve ser dirigida toda a correspondencia franca de porte. — As assignaturas são pagas adiantadas; assim como as correspondencias de interesse particular. Folha avulso 10 rs.

PUBLICA-SE

AS TERÇAS, QUINTAS E SABBADOS.

Preços: Braga, anno 1\$600 rs.—Semestre 850 rs.—Provincias, anno 2\$400 rs. e sendo duas 4\$000 rs.—Semestre 1\$250 rs.—Brazal, anno 3\$600 rs.—Semestre 1\$900 rs. moeda forte, ou 8\$000 reis e 4\$500 reis moeda fraca.—Anuncios por linha 20 rs., repetição 10 rs. Para os assignantes 20 % d'abatimento.

BRAGA—TERÇA-FEIRA 2 DE MAIO

Concentram-se hoje todas as atenções na questão do Oriente.

A insurreição tem assumido proporções assustadoras, e de dia a dia se torna mais difficil a pacificação das provincias sublevadas contra o sultão.

Os ultimos despachos mencionam a derrota das tropas do governo, derrota que é confirmada ainda por noticias de origem ottomana.

Depois de seis dias de combates, as forças imperiaes tiveram de retirar, deixando os insurgentes de posse do campo de batalha.

Na parte dada pelo general turco diz-se, posto que disfarçadamente, que os insurgentes deram a sua victoria á desproporção do numero, ao cansaço, e á falta de munições da parte das suas tropas.

Fossem quaes fossem os motivos, é certo que a sublevação caminha a passos de gigante, e que está longe de ser debellada, como ha pouco se acreditava.

Alguns jornaes estrangeiros referem que se abriram novas negociações para conseguir a pacificação dos principados insurrectos. Falla-se tambem na occupação militar pela Austria das provincias da Herzegovina e da Bosnia, como meio para restabelecer a paz.

Este ultimo boato, porém, parece repugnar á corte de Vienna; porque essa intervenção só deveria ter lugar quando a Porta annuisse ás reformas propostas; no entanto é provavel que a Austria obre, quando a isso seja impellido por toda a Europa.

As anteriores negociações não deram resultado algum, como é de todos sabido.

O Montenegro, a Servia e a Romania estão em vespas de se associarem ao movimento insurreccional contra o imperio ottomano, que parece prestes a esfacelar-se.

O «Univers» fecha do seguinte modo um dos seus ultimos artigos sobre esta

importante questão: Na organização militar dos insurgentes ha muito mysterio, e diriam-nos que a Russia sopra a insurreição, o que por outro lado nos não surpreheende. Quem se não lembra das palavras do imperador Nicolau publicadas ha pouco por um jornal é que, sobre este ponto, abriram o campo a todas as supposições sobre a politica de seus herdeiros?

Seja como for, o estabelecimento turco em Constantinopla soffre n'este momento um rude golpe da que podem sair diferentes complicações.

Quem sabe se não veremos realisar-se mais uma vez a profecia de Palmerston, dizendo que a questão do Oriente é a farsca que abrasará a Europa?

NOTICIAS ESTRANGEIRAS.

Sobre a questão financeira d'Hispanha diz a «Palavra»:

São graves os brados e clamores contra a exposição e projecto financeiro do ministro Salaverría em Madrid, projecto e exposição que equivale á formal declaração da banca-rotta. Estes brados fazem-se ouvir assim em Hespanha como no estrangeiro, principalmente em Portugal, França e Inglaterra, porque grande numero dos crédores do thesouro do visinho reino pertencem a estes paizes.

A nós parecem-nos naturais estes gritos de afflicção e de indignação, porque ficam muitas familias na miseria, muitas casas commerciaes e bancarias, umas cairão, outras soffrem grande abalo, e grande numero de particulares, que tem outros haveres, perdem ainda assim aquella parte de sua fortuna que estava representada na divida de Hespanha.

Por outro lado tambem nos parece muito natural que o governo hespanhol não possa pagar, em vista das enormes despesas que tem pesado sobre o thesou-

ro e tambem dos grandes desperdícios que não levado a cabo ha annos a esta parte não poucos dos gerentes do erario. Bom será que esta lição amarga fique como aviso a todos os poucos acatellados e que estes vão conhecendo a confiança que devem ter nos titulos de divida publica.

Segundo o correspondente do jornal «Univers» de Paris, o pequeno povo servio está preparado para representar moi proximo um papel immenso nos negocios do Oriente. Parece o encarregado de dar o golpe mortal no imperio ottomano.

Por tanto é muito util conhecer as forças de que a Servia dispõe n'este momento, e as dos povos visinhos ligados com ella pela solidariedade dos interesses, e sobre cujo concurso ella confia com segurança. Os jornaes russos e de Varsovia tem publicado a este respeito esclarecimentos e dados minuciosos que podemos considerar verdadeiramente officiaes. Vamos reproduzilos em resumo.

A Servia conta 1.325.000 habitantes, sobre uma superficie de 731 milhas quadradas ou 45.555 kilometros quadrados; mas ella póde pôr em armas a decima parte da sua população, isto é, 143.000 homens porque ha mais d'um quarto de seculo todos os cidadãos validos de 20 a 50 estão obrigados ao serviço militar, 3 no exercito permanente e 27 na milicia como na Suissa.

Quando estalou a insurreição da Herzegovina, a milicia estava armada com armas anti-as e pouco exercitada. N'este estado não podia medir-se com tropas turcas e eis a razão de sua attitude expectante até agora. No entanto não cruzou os braços; desenvolveu uma actividade febril e durante todo o anno que findou tratou de fabricar armas, munições e exercitar a milicia.

Nos ultimos mezes tem reunido provisões de viveres, estabelecido armazens de

munições ao longo da fronteira do lado da Turquia. Hoje está bem preparada para a guerra e apresenta uma força muito respeitavel; e dentro de poucos dias provavelmente entrará em campanha para dar a todos os povos christãos da península baltica o signal d'um levantamento geral contra os turcos. Eis o estado em detalhe de suas tropas:

1.º—Exercito permanente:—Este é pouco numero, e por isso se reputa uma escola de instrução para a milicia.

Conta apenas 5.600 homens e 600 cavallos, 4 baterias de campanha e 4 de montanha.

2.º—Milicia do 1.º bando, que está mobilizado e com ordem de estar prompto á primeira voz para entrar em campanha. Compõe-se de:

10 brigadas de infantaria a oito batalhões cada uma: 80 batalhões.

5 regimentos de dragões a 4 esquadões, cada um: 20 esquadões.

18 baterias d'artilheria de campanha a 6 canhões cada uma: 108 canhões.

4 baterias d'artilheria de bater fortes.

18 companhias de peoneiros.

Total: 90.000 homens, 3.000 cavallos, 108 canhões.

2.º—Milicia do 2.º bando—64 batalhões d'infanteria, 13 esquadões de cavallaria e 18 d'artilheria. Total: 40.000 homens, 13 cavallos, 108 canhões: tudo dividido em 8 brigadas.

Em caso de guerra o 1.º bando com o exercito permanente entra logo em campanha na força de 35.600 homens, 3.600 cavallos, e 150 canhões.

As armas são do melhor sistema moderno, e tem 500.000 de reserva nos arsenaes. Os canhões são na maior parte do sistema Krupp, e o resto é fabricado no paiz.

A Servia tem duas escolas militares, e os alumnos mais distinctos depois dos cursos são mandados frequentar as melhores escolas da Austria e da Prussia. A ins-

OPINIONARIO

O LIBERALISMO CATHOLICO

SEGUNDA PARTE

Valor practico do sistema.

IV

O liberalismo catholico dá apparencias de revolta á fidelidade de seus adherentes.

[Continuação]

Esta definição refere-se evidentemente tanto ao estado democratico como á monarchia autocratica. Os catholicos liberaes são pois obrigados a admittila, se querem permanecer catholicos; mas se a admittem, que deixem de se chamar liberaes, pois que o liberalismo consiste precisamente na negação d'esta doutrina.

Condemnado em seu principio com o cezarismo monarchico de Philippe o Bello, o liberalismo só no fim do decimo oitavo seculo é que se apresentou com sua forma propria, e foi então proscripto por Pio VI, como tendente, de uma maneira directa, á destruição da religião Catholica. E' com estas vistas, diz o Pontifice, que se estabelece como um direito do homem em sociedade, esta liberdade absoluta que não somente assegura o direito de não ser inquietado por suas opiniões religiosas, mas que concede ainda a licença de pensar, de escrever, e até de fazer imprimir impunemente, em materia de religião, tudo o que pode suggerir a imaginação

mais desregrada:—direito monstruoso que parece no entanto á Assembleia (francesa, dos fins do seculo passado) resultar da igualdade e da liberdade necessarias a todos os homens. Mas o que poderá haver de mais insensato do que estabelecer para os homens uma igualdade e uma liberdade que não tem nenhuma conta das prerogativas da razão, pela qual todavia o homem se eleva acima dos animaes? Deus, depois de ter creado o homem, depois de o haver estabelecido em um lugar de delicias, não o ameaçou com a morte se elle comesse do fructo da arvore da sciencia do bem e do mal, e por esta primeira prohibição não poz limites á sua liberdade? Onde está pois essa liberdade de pensar e de operar que a Assembleia nacional concede ao homem social como um direito imprescriptivel de sua natureza? Este direito chimerico não é contrario aos direitos do Creador? Pio VI conclue recordando as condemnações proferidas contra erros similhantes sustentados pelos valdeses, os adikeffitas e os lutheranos. (1)

Já no anno precedente (a 10 de julho de 1790), n'um breve dirigido ao arcebispo de Bordeos, o mesmo Pontifice tinha muy claramente formulado o juiz da Egreja sobre os grandes principios de 1789. «Os projectos dos innovadores actuaes, diz elle n'este breve, não tem outro fim senão o de abolir o Catholicismo, de firmar os incredulos em sua incredulidade, e de destruir a fé dos crentes. Eis onde se quer

(1) Breve Quod aliquantum, dirigido ao cardeal de Rochefoucauld, membro da Assembleia nacional, a 10 de março de 1791.

chegar proclamando uma liberdade que de baixo de um bello nome só promete instabilidade e licença.

Havendo apenas subido ao throno pontificio, Pio VII, em sua encyclica *Divi salutaris videmur*, de 13 de maio de 1800, apressou-se a condemnar as liberdades funestas, proscriptas apenas nascidas por seu predecessor; e como esclarecido por uma luz profetica, annunciou que a força material seria impotente para reprimir as desordens da revolução enquanto que esta licença desenfreada de pensar, de fallar, de escrever e de lêr não fosse coarctada. «Não sendo arrancadas as raizes do mal, este se propagará ao longe e abraçará o mundo inteiro.»

Estas mesmas condemnações, estas mesmas advertencias são de novo promulgadas por Leão XII e por Pio VIII, successor de Pio VII nas encyclicas que dirigiram ao universo christão logo depois de sua elevação á cadeira de S. Pedro. (2)

(2) Encontrar-se-hão estes textos e outros documentos relativos á presente questão na «Civiltà Catholica», serie 4.ª, vol. 1.º—O rev.º padre Onclair inseriu a traducção em francez d'estes artigos na obra *De la Revolution et de la Restauration des vrais principes sociaux*, vol. III, pag. 227 e seg.

No ultimo fasciculo dos *Etudes* que acabamos de receber (de novembro) vem annunciada uma obra do rev.º padre Ramière sobre este mesmo assumpto, isto é sobre as condemnações fulminadas pela Egreja contra o liberalismo e o catholicismo liberal. Recommendamola, como tudo o que sae da penna d'este sabio religioso.

Mas de todas as condemnações com que a Egreja tem ferido as liberdades tão queridas do liberalismo catholico, a mais solenne e a mais expressa é aquella que este mesmo liberalismo provocou por sua primeira grande manifestação. Já o dissemos; ate 1830 este erro não se tinha apresentado senão obscuramente e sem ligação, nos escriptos de alguns auctores isolados; mas n'esta data a escola formase debaixo da direcção de um mestre celebre e adquire um orgão famoso. Cada dia nas paginas do *Futuro (L'Avenir)* escriptores de talento não vulgar desenvolvem com todas as seduções de seu estilo e com o fogo de sua mocidade as theorias de La Mennais sobre as relações da Egreja e do Estado. Combatidos em França pelos catholicos fieis ás antigas tradições, os novos controversistas appellaram para Roma, e Roma respondeu-lhes pela encyclica *Mirari vos*; não citaremos agora este documento, que é assás conhecido. Sabe-se com que severidade o Papa stigmatiza esta opinião absurda e erronea, ou antes este delirio,—que se deve reivindicar para cada homem a liberdade de consciencia,—erro contagioso ao qual aplaina e facilita o caminho essa liberdade absurda e esse freio das opiniões que, com detrimento da Egreja e do Estado, se vae espalhando por toda a parte, graças á impudencia de certos homens que não temem de a representar como vantajosa de alguma maneira á religião. Mas que morte mais funesta pode ferir a alma que a liberdade do erro? exclama Santo Agostinho.»

(Continúa)

tracção dos officiaes servios é muito superior aos dos exercitos turcos e aos dos exercitos da Roumania. A instrucção militar está quasi ao nivel da dos officiaes austriacos, o que já não é pouco.

O exercito turco reunido na Europa é de 270.000 homens segundo dizem. Na apparencia tem grande superioridade sobre o dos servios que apenas lhe pôde oppôr de momento 35:000 homens. Mas o exercito turco tem de guardar Constantinopla e Andriopole, vigiar a Roumania, o Epiro, a Albana e Thessalia. Por consequencia a Turquia não pôde empregar contra a Servia, quando muito, senão a metade do seu exercito, admitindo que ella na realidade tenha 270 mil homens em armas, de que muitos duvidam.

Os jornaes austriacos fingem acreditar nas intenções pacificas do principe Nicolau de Montenegro; mas o sequestro de 25 mil fuzis comprados pelo principe em Vienna prova que o governo austriaco pensa d'outro modo: elle sabe que o principe não pôde conter os seus subditos que sustentam abertamente a insurreição da Herzegovina. O Montenegro conta 25 mil homens bem disciplinados e armados á moderna, e cada um d'estes soldados é um heroe.

Emquanto aos roumanos, a sua entrada na lucta precipitaria incontestavelmente a crise final da Turquia.

A Roumania conta perto de 5 milhões de habitantes e tem uma organização militar muito poderosa.

Pela lei de 11 de junho de 1868, modificada pela de 27 de março de 1872, a sua força armada compõe-se:

- 1.º Do exercito permanente com sua reserva.
- 2.º Do exercito territorial com as suas reservas.
- 3.º Das milicias.
- 4.º Da guarda urbana e das levas em massa.

Em caso de guerra a Roumania pôde pôr immediatamente em linha, um exercito d'operação de 100 mil homens e chamar á defeza do territorio 200 homens pelo menos. Ora a Roumania armou-se durante o inverno e acha-se tão bem preparada como a Servia. Ambos estes povos e o Montenegro com elles, apresentam um effectivo de mais de 200 mil homens em armas.

N'uma situação tal, será possível ainda a manutenção da paz?

A esta pergunta eis como acaba de responder o jornal semi-official russo—os «Petersburski Wiedomosti» no seu numero 36. «A diplomacia europea está muito enganada se creder poder pacificar a Turquia com palavras e notas.

Para isso é necessario recorrer ás baionetas, e as baionetas europeas não devem pôr-se ao serviço da barbaria musulmana.»

Debaixo de uma forma mais decisiva foi o que respondeu o general Ignatief ao cande Zichi quando este propunha a occupação militar da Servia pela Austria e Russia em commum, no caso de que a Servia não quizesse prestar-se ás intenções pacificas das potencias. «Mas é que nós já não temos direito de o fazer, diz elle Ignatief; o tratado de Paris não existe já.—Foi a Russia que o rasgou; responde Mr. Zichi.—Não é assim—replicou Mr. Ignatief: as potencias modificaram no n'um ponto sómente, o resto é obrigatorio.»

O que é verdade é que a Russia deixa a Austria perder o seu tempo em negociações estereis; mas reuniu um exercito na fronteira para conter a Austria, no caso de que esta se lembrasse de intervir activamente nos negocios do Oriente, occupando a Servia ou a Herzegovina. A Russia entraria logo na Gallicia oriental, povoada de Ruthenos greco-unidos, sobre os quaes ella creder ter direito em virtude de Czar «imperador de todas as Russias» isto é, de todos os Ruthenos.

Ha pois bem pouca esperanza, apesar de tudo o que digam os jornaes de Vienna e os telegrammas de S. Petersburg, de que a questão do Oriente possa ainda ser addiada mais uma vez. Creemos que dentro de breve prazo ella receberá provavelmente a sua solução definitiva.

TRANSCRIPÇÃO

RELIGIÃO E POLITICA

A politica e a religião complementam-se mutuamente.

AO VISCONDE DE JUROMENHA

MEU CARO VISCONDE

Lembras-te de que conversámos, ha tempos, sobre a indifferença da Religião na Politica? e da Politica na Religião?

Pois fiquei a pensar no ponto, e rabisquei, como pude, estas poucas linhas, que peço licença para te offerecer.

Não as tomes nem como agradecimento ao teu excellente escripto sobre o *Isthmo de Suez*, que não chegam para tanto; nem como acto de leigo, que recebeu Reverendissima, e que não quer ficar em divida na cortezia.

É cousa mais singela.

Foram as tuas reflexões que me despertaram a idéa; venho, portanto, entregar-te este fructosinho da semente, que me lançaste no espirito.

Não te admires que de tão boa semente sabisse o fructo assim tão encolhido e enfezado.

Bem sabes que a enfermidade do corpo tambem influe a alma; e que além d'isto, se pude sempre admirar-te o engenheiro, não se segue que estivesse obrigado a acompanhá-lo com iguaes manifestações.

Adeus. Crê-me sempre

Teu primo e amigo

J. L.

Ha proposições, que se recebem como incontestaveis, porque o são em determinado sentido, e que, transportadas da referencia, em que eram verdadeiras, para outra differente, produzem absurdos, porque, mudando de natureza, se tornaram falsas.

Quando taes proposições offerecem perigos praticamente, importa submettelas á analyse, discriminando a verdade do erro, para que a boa fé, surpreendida, não caia no engano.

A Religião não tem Politica. E' proposição que frequentemente se repete, e que frequentemente se aceita sem exame.

Parece-me, todavia, que seria conveniente examinal-a, porque da sua accepção demasido absoluta, tem resultado, e podem resultar ainda funestas consequencias para a Religião e para a Politica.

A malicia pôde aproveitar-se, e já se tem aproveitado, da referencia verdadeira, em seu proveito, dando-lhe uma elasticidade inadmissivel, com a qual procura introduzir, nas deducções naturaes da parte acceptavel e concedida, algumas de forçada derivação, que pertencem á outra parte, que se não devem acceptar nem conceder.

Assim, á sombra da these admitida, confundindo as cousas, e com o pretexto de que a Politica não seja capa da Religião, faz-se muitas vezes da Religião capa da Politica.

Isto é que é necessario precaver, joiando as idéas, por meio de uma averiguação sisuda.

Averiguemos, pois.

II

Quando se diz que a Religião não tem Politica com o intuito de afirmar que ella paira acima da esphera dos acontecimentos humanos; que se não decide nem contra as fórmulas de governo, como nem a favor nem contra os chefes dos Estados, diz-se uma verdade incontestavel, que se infere logicamente da propria natureza da Religião.

A Religião não se immobilisa nas fórmulas politicas; vive independente e superior a todas ellas; pôde coexistir com todas, uma vez que estas permaneçam nos limites essenciaes da ordem, da moral, da verdade e da justiça.

A Religião só pertende um cousa: a liberdade de cumprir a sua divina missão; a liberdade de trabalhar na salvação das almas.

Concedam-lhe isto as fórmulas politicas, quaesquer que elles sejam; concedam-lhe is-

to, ou antes, reconheçam-lhe este seu direito fundamental os differentes governos, que a Religião não quer mais nada e pouco lhe importará que esta liberdade lhe venha de monarchia ou de republica. A Religião não quer senão o imperio das almas, não empunha outro sceptro senão o que rege as consciencias.

«Ella sabe (como diz um eminente escriptor) que todas as fórmulas são legitimadas quando resultam dos costumes, das tradições, e do estado dos espiritos; sabe que nenhuma é radicalmente boa nem radicalmente má, porque tudo depende do espirito que a anima; sabe que se a essencia do poder não varia, porque vem de Deus, não ha governo que seja, com exclusão dos outros, essencialmente correlativo ao espirito christão; que as fórmulas variam, modificam-se, e que os poderes mudam de nome e de mãos, porque são cousas humanas.»

«Deixa (prosegue o mesmo escriptor) que os homens mudem, reformem suas terrestres constituições, segundo a necessidade dos tempos; que guardem ou renovem suas antigas leis: ella não desce a essa arena, não intervem n'estas luctas. Mas todas essas fórmulas politicas tão rapidamente quebradas umas pelas outras, á medida que se succedem, a Religião as abençoa e consagra. Os poderes de toda a natureza, que passam por diante da Igreja, que é só quem não passa, a Igreja os aceita. Faz mais, auxilia-os tanto quanto pôde, a fazel-os acceptar pelos povos; prega a obediencia e impõe a oração.»

«O que a Igreja quer e proclama, é o ideal da grandeza, da dignidade moral e da justiça; e por consequente o principio necessario, o principio fecundo não só de todas as virtudes, mas de todas as verdadeiras prosperidades, de todas as verdadeiras liberdades, e de todas as verdadeiras glorias.»

III

Não ha duvida que a Religião é imutavel em suas doutrinas, imutavel sobre os deveres do homem, imutavel sobre suas crenças e preceitos; n'estes pontos não pôde admitir nenhuma alteração, e permanece estacionaria; a carreira das innovações está-lhe para sempre fechada.

A Igreja ensina a Religião como a recebeu, e não recebe nem reconhece nenhuma reforma n'este ponto essencial; mas, de resto, admite qualquer progresso social e politico, e faz brotar de seu seio todos os melhoramentos uteis á humanidade, ajudando o desenvolvimento normal e continuo da civilização, que nasceu á voz de Jesus Christo.

É esta a sua historia no passado; é esta a sua historia no presente; e não pôde deixar de ser a sua historia no futuro.

Quando os romanos se apoderaram de Syracusa, foram achar Archimedes absorvido em seus problemas, d'onde o não tinham distraído os estrondosos rumores que o cercavam. Assim é a Igreja ou a Religião; no meio dos tumultos e das ruínas da terra, a Religião conserva os olhos fitos no céo, absorvida sempre na sua sciencia da salvação das almas, e quando os homens, cansados de suas discordias e desvarios, tomam folego por um pouco e já tem os ouvidos menos cheios dos sons terriveis de seus estragos e de suas paixões, levanta ella então a sua voz augusta e lança, através das regiões devastadas, e por cima das cidades entristecidas, o seu grande grito de resurreição.

[Continúa]

J. DE LEMOS.

GAZETILHA

Doação.—Consta que a Senhora Infanta D. Isabel Maria fizera ha tempo, por escriptura nas Notas do tabellião Cardoso, doação do seu casal d'Alfarrobeira ás irmãs da caridade portuguezas.

Breve Pontificio.—O Nesso Santissimo Padre o Papa Pio IX por seu breve de 2 de setembro de 1873, dignou-se conceder á religiosas da Ordem de S. Francisco do convento dos Remedios, d'esta cidade, e a todas as mais pessoas, que vivem dentro do mesmo convento, indulgencia plenaria e remissão de todos os peccados, na 3.ª dominga do mez de setembro, desde as primeiras vespas e na sexta-feira da semana da paixão, desde o nascer do sol até ao occaso d'estes dias, com tanto que confessadas e communga-

das visitem das grades a igreja do mesmo convento, e a capella da Virgem Mãe Dolorosa, situada dentro do dito convento, e ahí orem pela concordia dos principes christãos, extirpação das heresias, conversão dos peccadores e exaltação da Santa Madre Igreja.

Além d'isto concede sete annos e sete quarentenas ás mesmas pessoas, que, ao menos contrictas, visitarem a dita capella em qualquer dia do setenario, precedente á dita sexta-feira e ahí orem na fórma acima declarada. Todas estas indulgencias, remissão de peccados e relaxação de penitencias podem ser applicadas em modo de suffragio pelas almas do Purgatorio, e são perpetuas.

Capella de S. Victor-o-Velho.

Nota das quantias recebidas para a reconstrucção d'esta obra, e que se acham depositadas nas casas bancarias d'esta cidade:

Transporte das verbas já publicadas no n.º 487 d'este jornal	715\$440
Carlos Antonio Ribeiro	4\$500
Mathias Dias da Fonseca	4\$500
Francisco Antonio d'Araujo Reis	4\$500
Anonimo	4\$500
Bernardo José Fernandes Carneiro	4\$500
João Francisco da Silva Broga	4\$500
Antonio Joaquim da Motta	4\$500
Antonio Baptista Gonçalves	4\$500
Magoel José de Miranda	4\$500

Somma 755\$940

Continúa a publicar-se a relação das verbas recebidas.

Illustre enfermo.—Dizem de Roma em data de 27 do passado, que está muito doente o cardeal Antonelli. Crê-se que o seu estado é desesperado. Os negocios estão entregues ao cardeal Vennuteli

Estabelecimento em Visella.—Principiaram hontem os trabalhos para o novo estabelecimento thermal em Visella. Felicitamos o paiz.

«A Borboletta».—Publicou-se o n.º 8 d'este jornal de literatura dedicado ás damas bracarenses. Contém:

O teu olhar, por D. Amelia Janny; O pai de Boage, pelo dr. Pereira-Caldas; Declaração, por Dias Freitas; A minha amiga D. Maria da Conceição de Sousa Pereira, por D. Anna Amalia Moreira de Sá; Margarida de Loibo, por Soares Romeu Junior; A ti, por C. Vienna; Solidões (continuação); Conjectura, pelo dr. Alberto Cruz; Planta singular; Soneto, por Correia Junior; Scenas vulgares (continuação), por I. J.; A minha mãe, por B. Passos; Rumores litterarios; Papeis velhos (I), por Dias Freitas; Os rainunculos; A Profetina de Telles Barbosa, por Felix d'Oliveira; Expediente.

Exames.—Começaram hontem os exames d'instrucção primaria no Lyceu d'esta cidade, por provas escriptas, sendo 197 os candidatos que para elles requereram. Entram cada dia 50 ás duas mezas que se compõem dos professores os snrs.:

José Joaquim da Silva Pereira Caldas, Joaquim Maria Lamego da Maya, João Manoel Moreira, Julio Celestino da Silva, José Alves de Moura e José Joaquim Lopes Cardoso.

Religião e politica.—O magnifico artigo que hoje começamos a transcrever com este titulo, pertence aos bellos *Serões d'aldeia* do grande lirico, o nosso predadissimo, João de Lemos.

E' o bastante para que os leitores, que ainda não leram este importante trabalho, o leiam com o maior interesse.

O linho.—(Conto de Schmid).—Uma senhora rica, que cultivava linho nas suas fazendas, intentou melhorar esta produção. Um homem que se occupava no commercio d'este artigo, se lhe apresentou e lhe disse:

—Dê a senhora um sacco de semente do seu linho, que não é de boa qualidade, e lhe darei em troca semente de linho estrangeiro, cuja especie e qualidade é muito mais superior; mas tem que dar-me dois mil reis.

A senhora annuiu de boa mente á proposta, e fez-se o contracto.

O tratante, que era um refinado velhaco, pensou lá consigo:—vou enganar aquella pobre mulher, porque lhe devolverei a mesma semente que me dá, e ganharei os meus dois mil reis sem risco algum. Se depois se queixar de que o linho não saiu bom, imputarei a culpa ao mau tempo ou á má qualidade, ou mau amanho da terra.

Levou o sacco com a semente á senhora; esta recebeu-o e o fez despejar com alegria. Eis porém que um objecto luzente

resplandece no meio da linhaça; era um bonito anel de ouro, e a senhora exclama com surpresa:

—E' com certeza o meu anel! O anel que perdi o verão passado; caiu do dedo quando escolhia as sementes, não parece duvida. Depois dirigindo-se ao mercador, disse-lhe:

—Vossemecê é um... mau homem; aqui está descoberta a sua maldade; trouxe a minha propria linhaça: em vez de pagar-lhe dois mil reis, vossemecê é que terá de pagar-m'os a mim, pelo engano que me fez e que não pôde negar.

E com effeito foi o homem condemnado pelo juiz a ir para a cadeia. E este facto prejudicou-lhe tanto a sua reputação, que teve que abandonar o seu commercio

Quem foi infiel uma vez, será infiel duas e tres.—(Extr.)

Chrisma.—S. ex.^a rev.^{ma} o snr. arcebispo coadjutor administrou no dia 30 no real santuario do Senhor Bom Jesus do Monte o Santo Sacramento do Chrisma a grande numero de fieis, que não obstante a inclemencia do tempo alli concorreram. S. ex.^a da mesma fórma que já tinha praticado no anterior domingo na igreja de S. Victor, fez uma bella e mui instructiva pratica, em que mostrou com argumentos da mais vigorosa logica, vestidos de bellas flores d'eloquencia a necessidade d'este Sacramento n'um seculo que é todo d'indifferença e descrença, pois que sem este fortissimo escudo mal poderemos resistir ás hervadas setas da impiedade de nossos dias.

S. ex.^a fallou com toda a energia e eloquencia, porque as palavras saíam-lhe do coração.

Costa-nos que tanto em S. Victor como no Bom Jesus do Monte deixou algumas esmolas para repartir pelos pobres.

Papeis com sello.—O valor dos sellos creados na respectiva officina da casa da moeda, no mez de janeiro ultimo, elevou-se a 31:579\$015 rs.

A mesma repartição, no referido mez, entregou a dinheiro e enviou a credito ao governo civil de Lisboa, a diversos particulares e aos thesoureiros pagadores dos cofres centraes dos districtos de Braga, Bragança, Coimbra, Faro, Guarda, Leiria, Portalegre, Villa Real, Vizeu, Horta e Ponta Delgada, e aos recebedores das secções 1.^a e 4.^a do bairro central de Lisboa, bairro occidental da mesma cidade, comarca de Villa Franca de Xira e alfandegas de Lisboa e Porto, os seguintes papeis com sello:

Papel sellado, e custo do papel, reis 22 808\$090; letras de cambio selladas, 10:002\$020 reis; impressos sellados, reis 742\$000; baralhos de cartas de jogar sellados, 95\$230 reis; e cooperação lithografica e tipografica, para a creação d'estes valores, 351\$633 reis; total, 33:999\$025 reis, sendo a dinheiro 6:383\$775 reis, e a credito 27:615\$250 rs.

Ficou em deposito, no respectivo armazem da casa da moeda, o seguinte:

Papel sellado, incluindo o custo do mesmo papel, 4:143\$870 reis; letras de cambio selladas, 168:355\$260 reis; conhecimentos maritimos sellados, 370\$020 reis; impressos sellados, 102:033\$020 reis; e 1:206\$690 reis, custo de lithografar e imprimir os referidos valores; total, reis 276:108\$860.

O principe de Galles.—Devia chegar hontem a Lisboa ás 3 horas da tarde, o principe de Galles, para a recepção do qual estão destinados os festejos seguintes:

No dia 1.—Recepção na gare do caminho de ferro ás 3 horas da tarde e *copo d'agua* offerecido ao principe no pavilhão levantado junto ao Hotel Central.

No dia 2.—Recita de gala no theatro de S. Carlos.

No dia 3.—Baile no paço da Ajuda.

No dia 4.—Fogo de artificio no Tejo e brilhantes illuminações no Aterro.

No dia 5.—Corridas no hippodromo de Pedrouços e jantar no paço da Ajuda.

No dia 7.—Partida do principe.

Consta estar passado o decreto, agraciando o principe de Galles com as tres ordens militares portuguezas.

—Uma folha de Sevilha dá os seguintes pormenores sobre o que seja a festa campestre, mui caracteristica de Andaluzia, a que assistiu o principe de Galles, e que é conhecida pela designação de *derriba de rejes*.

A lucta durou desde as duas horas até ás cinco da tarde. Assistiam o principe de Galles, seu irmão o principe Arthur, muitas pessoas da sua comitiva, todos a cavallo, innumeraveis carruagens, occupadas por distinctas damas e algumas ama-

sonas, entre as quaes a senhora de Murieta, que montava um brioso corcel.

Os heroes da festa foram seis cavalleiros, divididos em tres parelhas. Um dos ajudantes do principe tambem quiz tomar parte no combate e, de agulhão na mão, derrubou um enorme boi de 135 kilogrammas, sendo muito festejado o seu arrojo por todos os espectadores.

Nenhuma desgraça pessoal occorreu nem houve outro incidente desagradavel a não ser a ferida que occasionou uma vacca ao cavallo em que montava um dos personagens da comitiva do principe de Galles.

O Serapis.—N'um jornal da India, a «Imprensa», extraimos a seguinte e curiosa descripção do vapor «Serapis» que transportou da India a Gibraltar o principe de Galles e devia conduzi-lo a Lisboa, se o principe não tivesse resolvido ir a Madrid.

O «Serapis» é de ferro, serve para transporte de tropas, e tem capacidade para 2:000 homens; é de 6214 toneladas, e possui machina a helice, da força de 700 cavallos. Foi agora expressamente equipadado e adornado para a viagem do principe.

O costado é oleado a branco e tem ao meio, em toda a extensão, um largo filete de oiro e azul. A prôa é ornada com um grande capacete, cobrindo o distico *Heaven's light our guide* (a luz do céu é nosso guia) em meio de arabescos, tudo doirado. A popa mostra as seguintes palayras encimadas por um escudo: *India, Persia, China, Sincde Burmah, Punjaub*, tambem doiradas. No centro do costado, a bombordo, fica o portaló da entrada: um verdadeiro e lindo portico com frizos e arabescos doirados, e junto d'elle uma pequena e suave escada ao longo do costado, cercada de gradaria pintada a branco e oiro.

Logo á entrada o visitante acha-se na segunda coberta, em um claro e extenso corredor. Pela direita, para a parte da ré, vê-se um lu xoso salão sobre o qual se abrem 20 grandes camarotes da comitiva do principe.

Em frente ficam as accommodações dos officiaes de prôa, mestre de musica, creados graves, etc. O commandante e os officiaes tem tambem os seus bellos aposentos n'esta coberta, á prôa. As camaras aqui são providas de moveis de mogno; e o archibanco da popa é estofado de marroquim verde. Todos os camarotes tem campainhas electricas.

No salão ha uma elegante escada que dá accesso para a primeira coberta, reservada exclusivamente para o uso do principe, e onde pela ré se acham os opositos reaes, divididos em tres compartimentos: salão de honra, sala de visitas e salão de jantar; os quaes todos podem ser com facilidade transformados n'um extenso salão de baile.

A mobilia é de carvalho com embutidos de metal amarello, e de um lindo gosto. Os tabiques são pintados a branco com almofadas cercadas de filetes d'oiro. As cornijas e pilastras da casa de jantar são azues. As janellas da popa e do costado tem transparentes de seda verde, com molas de patente, e tambem bambinellas de seda brancas com sanefas verdes.

Pelas paredes lateraes das salas vêem-se grandes espelhos emoldurados de carvalho e oiro. As secretárias, mezas, cadeiras, fauteuils, sofás, e ottomanas são cobertas de marroquim amarello torrado.

Todos estes objectos trazem estampadas em oiro as insignias da *Estrella da India* com as iniciaes *A. E.*

O salão tem tambem um piano de Brodwood do valor de 170 libras.

Não queremos nem podemos descrever aqui a belleza e opulencia dos ornatos e dos moveis dos aposentos reaes. Por toda a parte oiro, prata, cristaes, tapetes, marmores, procelanas, flores, estatuas, lustres, candelabros e riquissimas estantes de livros. Entre os objectos curiosos que adornam o salão, vê-se um mappa da India emoldurada em um dos tabiques, com as montanhas em relevo e toda a viagem do principe traçada a vermelho, e que foi feito debaixo da direcção do dr. Birdwood, sabio naturalista que ha pouco regressou de Bombaim para Londres. N'esta sala ha tambem um retrato de sua alteza a princeza de Galles.

D'aqui passa-se para a sala de visitas, onde se vê a mesma elegancia e riqueza, e os retratos dos dois filhos mais velhos do principe, vestidos á marinheira. D'esta sala passa-se para o salão do jantar, que tem extensão para uma meza de 60 pessoas, e onde existem duas fileiras de *pankás*, que são movidos por 6 chinas,

com pratica do serviço nos vapores da companhia peninsular e oriental.

A cada lado d'este salão ficam uma alcova, um *boudoir* e uma casa de banho, destinados ao principe, e similhantemente adornados, para que tanto na viagem da vinda como de volta possa sempre gozar dos melhores ventos. A cama é suspensa, e construida de modo a não soffrer balanço.

O «Serapis» tem uma casa de correio, cavalharias, curraes, gallinheiro, etc. Repetimos ainda: só vendo é que se faz completa ideia d'elle.

E' commandante do barco *honorable* Henry Carr Glyn, ajudante de campo da rainha. Está tripulado por 200 homens, e traz a banda de musica do regimento de artilheria real. Tem á prôa 2 peças de grosso calibre, e penduradas nos turcos 12 lanchas, fóra outras muitas a vapor.

A guarnição está armada com carabinas do systema *Henry-Martini*.

Osborne.—Elegante barco a vapor de rodas e com machina dupla; é hyate real, e acompanha o «Serapis» servindo de aviso. Tem 1536 toneladas, 2 canhões e 145 praças de guarnição. E' pintado a branco, e está mobilado e ornado com sumptuosidade e bom gosto. E' da força de 300 cavallos.

Raleigh.—A fragata «Raleigh» que guarda ao transporte «Serapis», tem 3:215 toneladas, 22 peças e 250 homens de tripulação.

O seu casco é pintado a preto com ornatos de bronze á popa, entre os quaes se vê um escudo de armas com a divisa *Amore et virtute*. Tem machina a vapor de helice, e está fortemente guarnecida. Todas as suas peças são raiadas; e duas de 9 pollegadas de bocca e com ródios, nos castellos da popa e da prôa. A bateria é na primeira coberta, e tem 14 peças de grosso calibre, 7 por banda. No convex acham-se as 8 peças restantes: 4 de desembarque montadas em carretas com os competentes armões, e quatro para guardar a lanchas que são tambem movidas a vapor; todas estas peças são de pequeno calibre e de carregar pela culatra. A praça de armas apresenta uma exhibição de espingardas de agulha, de sabres, de baionetas e de revolvers no melhor estado de aceio. O salão da officinalidade, assim como os seus camarotes são adornados com muita riqueza e elegancia.

Traz uma banda de musica a bordo.

Livro curioso.—A livraria do Museu Britanico acaba de receber um livro curioso. E' uma historia em oito volumes da guerra franco-prussiana, escripta por dois mandarin chinezes que se chamam Wang Tou e Chang Tsung-Leanz.

Os authores dizem no prefacio que colligiram os materiaes para a sua obra nos jornaes estrangeiros e as noticias que elle recopilaram com estas informações quotidianas são consideradas pelo seu senso critico altamente dignas de credito.

Os authores, no presente estado da Europa, acham um certo parallelismo na situação da china quinhentos annos antes de Christo e como esse periodo foi um dos mais tempestuosos da historia chineza, consideram evidentemente que não é provavel que a paz se mantenha por muito tempo entre nós. De facto o unico modo que elles vêem de evitar hostilidades está n'uma firme alliança, entre a Inglaterra, a França, a Russia e a Prussia!

A Historia principia por um esboço geral da Europa, e depois narra as causas immediatas da guerra. A celebrada entrevista entre Benedetti que é chamado *Peco-ni-teh-ti*, e o rei da Prussia em Ems, a que chamam *Im-sze*, as varias batalhas com o desastre final em *Sze-tan* (Sedan) e o cerco de Paris, tudo se descreve largamente, e o livro termina pela eleição de *Mak-Mahqu* para presidente da republica franceza.—(D. P.)

A missão das aves.—O ministro da instrucção publica de França mandou recomendar aos directores de collegios e professores de instrucção primaria, que ensinam aos seus alumnos e discipulos qual é a missão benefica das aves e o grande prejuizo causado á agricultura pela sua destruição.

Na Hungria, por causa da guerra de morte que os lavradores fizeram aos par daes, apresentam os campos um tal estado de devastação, em consequencia da espantosa multidão de insectos, que do mesmo modo que em Nova York os lavradores, conhecendo o mal que tinham feito, trataram de chamar as aves por meio de abrigos artificiaes, pendurando nas paredes das casas gaiolas abertas e cheias

de grãos. Ainda as mesmas aves granivoras são uteis pelo extraordinario consumo de insectos que para ellas é o melhor saboreante. Toussenet diz que o troglodyta, uma pequena ave, distribue diariamente á sua prole cerca de 150 mil larvas. Uma andorinha come por dia não menos de 500 insectos. E' pois necessario rehabilitar as avesinhas tão calumniadas entre os lavradores, e provar-lhes que ellas beneficiam mais a agricultura pelos insectos que devoram, que por alguns grãos de trigo que consomem. Em França o prejuizo causado pelos insectos eleva-se a 300 milhões de francos annuaes, cêrca de 54 mil contos.

SECÇÃO DE COMMUNICADOS

No dia 6 do corrente tem de responder perante os tribunales d'esta cidade José de Meira, casado, da freguezia de S. Pedro de Escudeiros, o qual se acha recluso nas cadeias d'esta mesma cidade, pelo crime de desfloramento na pessoa d'uma menor, filha de José Rodrigues, da referida freguezia.

O criminoso é um individuo de pessimos costumes, e dos mais reprovaveis precedentes.

Estando a servir em casa do snr. José Pereira, do logar da Igreja, freguezia da Morreira, tentou estuprar uma menina de 6 annos de idade. A consumação d'este nefando crime obstou o referido snr. Pereira, e a mãe da creança, que acudiram aos gritos d'esta. Sendo por este motivo despedido da casa do snr. Pereira, e indo servir para casa do rev.^o reitor da mesma freguezia, tentou tambem levar a effeito um crime identico em uma creança do mesmo snr. reitor, a qual regula pela mesma idade d'aquella a que acabo de me referir.

Além d'estes factos, ha muitos outros que fazem d'aquelle homem, um monstro de perversidade. Para elle não ha nada respeitavel, nem meios de que não lance mão para cevar os seus instinctos brutos. Até na propria occasião em que, tendo fallecido um seu cunhado, foi levar á filha d'este a noticia da morte do pae d'ella, tentou contra a honra da orfã, a qual conseguiu livrar-se do malvado defendendo-se com uma foice a que poude lançar mão!

E' quasi incrível! Podia enumerar muitos outros crimes, alguns d'elles que a pena se recusa a narrar; porém basta os que deixo apontados, e cujas circumstancias aggravantes me abstenho de apresentar ao publico. Direi tambem que o criminoso tem um irmão, que se acha igualmente preso, na mesma cadeia.

Vê-se, pois, que é uma familia honrada.

E' d'esperar que os integerrimos snrs. Juiz de direito e delegado d'esta comarca tomem em consideração estes factos.

(4016)

José Rodrigues.

AGRADECIMENTOS

Os abaixo assignados não lhes sendo possivel agradecer pessoalmente a todas as pessoas que lhes fizeram a honra de os cumprimentar por occasião do fallecimento de sua querida filha, irmã, sogra, cunhada e sobrinha, Maria da Luz de Oliveira, o fazem por este meio testemunhando a todos o seu eterno reconhecimento. Equilamente agradecem a todos os ill.^{mos} e exc.^{mos} snrs. que se dignaram assistir aos officios funebres, e bem assim aos irmãos das irmandades que se dignaram acompanhar o cadaver ao cemiterio.

Manoel José Carneiro
Bento Lourenço da Conceição
Francisco José Gomes Lima
Antonio José Pereira
Francisco Freitas de Carvalho
Custodio José da Silva Amorim
Antonio José Barboza Pinto
Joaquim José Marques da Rocha.
(4018) (209)

Raimundo Vicente Ferreira, summamente grato a todos os ill.^{mos} e exc.^{mos} snrs. que o cumprimentaram por occasião do fallecimento de sua muito presada mãe D. Leocadia Maria Soares Ferreira, e bem assim a todas as pessoas que se dignaram assistir aos officios funebres e acompanhar o cadaver até ao cemiterio publico d'esta cidade, vem por este meio agradecer-lhes, na im-

